

DE REPENTE NEGRA: reflexões e problematizações sobre ser uma pessoa negra de pele clara no Brasil¹

Kissy Cristina do Carmo Ferreira Oliveira^{1*} 

¹ Escola Superior de Artes Célia Helena/Escola Itaú Cultural - Brasil.

*Autora de correspondência: kissycferreira@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE:

Colorismo
Negros de pele clara
Pertencimento
Racismo
Tokenismo

RESUMO

Esse artigo parte de um relato de compreensão recente de sua autora como mulher negra de pele clara. Evocam-se, a partir daí, temas referentes ao pertencimento racial, no caminho percorrido até essa autodeclaração, e se põem em relevo, em perspectiva sócio-histórica, dispositivos como colorismo e *tokenismo*, a fim de se investigar o entendimento de si como pessoa negra e as formas pelas quais a branquitude pretende controlar relações e interações entre pessoas de diferentes tonalidades de pele.

KEYWORDS:

Belonging
Colorism
Light-skinned blacks
Racism
Tokenism

ABSTRACT

This article starts from an account of the recent understanding of its author as a light-skinned black woman. From there, themes related to racial belonging are evoked, in the path taken to this self-declaration, and devices such as colorism and tokenism are highlighted in a socio-historical perspective, in order to investigate the understanding of oneself as a person blackness and the ways in which whiteness intends to control relationships and interactions between people of different skin tones.

RESUMEN

Este artículo parte de un relato de comprensión reciente de su autora como mujer negra de piel clara. Se evocan, a partir de ahí, temas referentes a la pertenencia racial, en el camino recorrido hasta esa autodeclaración, y se ponen en relieve, en perspectiva sociohistórica, dispositivos como colorismo y tokenismo, con el fin de investigar la comprensión de sí mismo como persona negra y las formas en que la blanquitud pretende controlar las relaciones e interacciones entre personas de diferentes tonos de piel.

PALABRAS CLAVE:

Colorismo
Negros de piel clara
Pertenencia
Racismo
Tokenismo

SUBMETIDO: 13 de julho de 2023 | **ACEITO:** 07 de agosto de 2023 | **PUBLICADO:** 31 de agosto de 2023

© ODEERE 2023. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Pesquisa financiada integralmente pela Escola Itaú Cultural – 2022 a 2024.

INTRODUÇÃO

Me reconhecer como uma mulher negra é algo recente. Faz três anos, para ser mais precisa. Mesmo com todos os arrepios sentidos em cada toque de tambor ou entrada de passistas nas quadras da vida, tudo ficava, em minha leitura, no campo de uma identidade familiar cultural, afinal, uma das minhas avós era mãe de santo e a outra não deixava passar um ano novo sem o vinil dos sambas enredo do carnaval do ano seguinte!

O fato de eu ter morado em Moçambique, por mais ambíguo que possa parecer (afinal eu era uma criança de seis anos), inconscientemente me afastou da mulher negra que hoje sou: eu era branca demais para ser um deles. Porém, diante das euroamigas dos tempos de escola, eu era “moreninha” demais para ser uma delas, o que me trouxe muitas lágrimas carregadas de mágoa.

Eu poderia ter tido a certeza da minha negritude em cada uma das vezes em que disse não para um cabelereiro que quis “domar”, “dar um jeito” ou “arrumar” meu cabelo, afinal, “com um rosto tão bonito, ter um cabelo liso seria a moldura perfeita”. Eu não cedi. Entretanto, foi justamente essa minha “teimosia capilar” que me levou a uma posição de sofrer com a prática de bullying (nome dado à situação na época por parte da coordenação da escola mas que hoje entendo por racismo) por parte das outras crianças, o que durou dos meus 10 aos 12 anos de idade.

Outras chances de minha compreensão acerca de minha negritude vieram – e passaram. Minha ancestralidade gritava entre as paredes clássicas do recém criado curso de Bacharelado em Dança da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Era final da década de 90. Como era difícil ser cheia de curvas e fazer um esforço imenso para encaixar um quadril que teimava em se deslocar, tremer, girar, viver. O que eu tinha de explosão corporal nas aulas de dança afro, folclore brasileiro e impoviso, tinha de cárcere mortal nas aulas de técnica da dança A, B, C... Por mais que eu executasse exercícios de forma correta (e validasse a importância dessa aulas), onde queriam:

leveza, eu era chão,
linhas retas, eu era quebra,

repetição, eu explodia,
concentração, eu confundia.

Saí daquele espaço (só eu sei como) e segui perdendo pelo mundo. A vida passava e, enquanto colocava o outro como prioridade através dos relacionamentos interpessoais, dos meus trabalhos e ações sociais, eu ia ficando pra depois.

O primeiro despertar de que algo estava na “prateleira errada” veio no início da pandemia, quando uma amiga fez um vídeo (não vou lembrar das suas exatas palavras) falando sobre o seu desconforto com o “ser pardo” (coisa que eu sempre senti) e o quanto ela queria, de alguma forma, validar e reivindicar a sua ancestralidade indígena. Isso me atravessou de uma forma muito certa, mas guardei o desconforto na “gaveta do pesquisar melhor”.

Algum tempo depois, acontece o momento exato em que sou arrancada da “sala da morena clara”: participo de uma live no auge da pandemia, em que o apresentador, um professor de dança negro de pele retinta, me apresenta falando que receberia naquele programa uma negra potente e referência em sua área... Teria eu exagerado no filtro ou seria a câmera ou a luz? O que teria feito ele me ver como uma mulher negra? Fingi naturalidade e a conversa continuou até que ele me fez duas perguntas das quais não esqueço:

Você concorda com as cotas raciais em universidades públicas? A falta de um letramento racial me fez dar uma resposta da qual, hoje, agradeço pelo fato da live não ter ficado salva. Você se considera uma mulher negra? Confesso que, no susto e num ato impulsivo, disse que sim, enquanto prometia a mim mesma que precisava entender isso o quanto antes. Falando assim, parece que esse seria um item de uma lista de tarefas a fazer:

Pagar a escola das crianças.

Comprar o livro que foi lançado e que eu esperava.

Solicitar o boleto do alvará da empresa.

Me identificar como mulher negra.

Mas aquela provocação feita no universo online e por uma pessoa negra

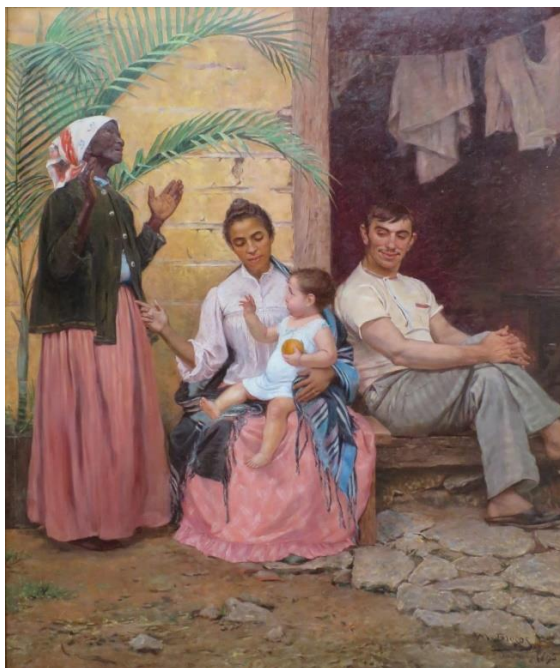
retinta me motivou, profundamente, a investigar como alguém com pouca melanina estaria dentro da raça negra e o que isso significaria para mim, de fato, dali pra frente. Comentei com uma pessoa (não tão próxima) o que havia acontecido na live, o quanto isso havia mexido comigo e a resposta que tive à minha confissão foi: *venhamos e convenhamos, você não é preta, é branca! Você está tão bem... vai mexer com isso agora? Essa (NOME DA AUTORA) inventa moda, viu?*

Essa infeliz reação poderia ter me feito frear o auto reconhecimento racial naquele momento, ou, de acordo com reações como a acima citada, *parar de ser negra ali* mas eu não podia: finalmente experimentava uma sensação de pertencimento que não conseguia, naquela altura, explicar. Este artigo é uma continuação da minha investigação, na qual busco compreender e analisar em conjunto os impactos e as transformações significativas que afetam e modificam amplamente a sociedade. Em particular, meu foco está na experiência do indivíduo negro de pele clara. É importante ressaltar que minhas percepções pessoais como agente dessa pesquisa precisam ser consideradas, a fim de evitar uma abordagem colonial-racista que procura fugir de uma lógica de universalidade que generaliza todos os negros como seres únicos. Reconheço que cada indivíduo tem experiências, transformações emocionais, perspectivas e reflexões pessoais distintas. Dessa forma, busco aprofundar a compreensão da identificação racial, adotando uma visão mais completa e abrangente, mesmo que tardia. Embora já viesse vivenciando há muito tempo essas problemáticas raciais, reconheço que foi em um momento posterior que adquiri a capacidade de nomear e compreender plenamente tais situações.

1. A maldição de Cam

2. Na tela *A Redenção de Cam*, do pintor espanhol Modesto Brocos (1852-1936), que recebeu a medalha de ouro no Salão Nacional de Belas Artes de 1895, o artista mostra uma avó que agradece a Deus o fato de seu neto não ter a pele retinta. Ao fundo, aparece o genro que, com seu corpo todo voltado para o lado oposto ao daquela família, exceto por sua cabeça, mostra um sorriso orgulhoso ao olhar de soslaio para o filho. Apesar do nome da obra remeter a uma passagem bíblica, ela não é a representação da mesma e sim um

trabalho baseado em questões sociais existente à época do pós-abolição, no Brasil.



"A Redenção de Cam" (1895), de Modesto Brocos²

Cam, segundo o nono capítulo do livro de Gênesis, era filho de Noé. Numa das passagens do livro, é narrado que Noé embriagou-se uma noite e, jogado ao chão e desnudo, foi encontrado por seu filho Cam. Ao invés de ajudar seu pai e cobri-lo, Cam decidiu contar o ocorrido aos outros dois irmãos, Sem e Jafé. Os dois seguiram para o local e rapidamente cobriram o pai, não testemunhando sua nudez. Por tê-lo visto nu e bêbado e não o ter ajudado, Noé amaldiçoou seu neto Canaã, filho de Cam:

Ele disse: Canaã é amaldiçoado. Ele será o menor dos escravos de seus irmãos... também disse: Bendito seja o Senhor, o Deus de Sem; Que Canaã seja escravo de Sem. Deixe Deus estender Jafé; habite Jafé nas tendas de Sem; que Canaã seja escravo de Sem. (Gênesis 9:25-27).

Posteriormente, coube aos três filhos de Noé (Sem, Cam e Jafé) que, juntamente com suas esposas, repovoassem a terra. Jafé teria ficado responsável pela criação dos europeus, germânicos e arianos. Sem teria originado os povos semitas. Já povos da Ásia Oriental descenderiam de Cam e coube a Canaã, filho de Cam, amaldiçoado pelo avô, ser o pai dos sudaneses, etíopes e ganeses. Dito

² Obra mais conhecida do pintor espanhol naturalizado brasileiro Modesto Brocos (1852-1936) que está exposta no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA).

isso, os africanos seriam então descendentes de Cam e de Canaã, os amaldiçoados.

Essa passagem bíblica, conhecida como a Maldição de Cam, foi durante muito tempo deturpada como uma espécie de aval divino para a escravidão, sobretudo a das pessoas de pele escura. De acordo com Lediane Pereira Ramos, os brancos que empreenderam as grandes colonizações, a partir do século XVI, acreditavam que, através do que estava escrito na Sagrada Escritura e da catequização (fé cristã), dariam, no contexto da escravidão, vida eterna para essas “almas perdidas”: os negros. Dessa forma, eles:

justificavam-se remontando textos bíblicos, e se sentiam cumprindo um dever moral, social e religioso, pois livravam os negros africanos da sua maldição e castigo por um pecado cometido por seus antepassados, relatos estes descritos na Bíblia e utilizados conforme era conveniente para Igreja Católica e para justificar tais atrocidades cometidas. Existem algumas teorias da maldição dada por Deus para que os negros pudessem ser escravizados, já que lançou Noé sobre seu filho Cam, uma praga ao qual maldisse, que sua geração futura fosse sujeita a todas as outras gerações do mundo, como servos e escravos, seriam então os africanos essa geração maldita, e deveriam servir para sempre como tal[...] (RAMOS, 2021, p. 606).

De acordo com André Chevitarese, professor do Instituto de História da UFRJ, o mito ou a Maldição de Cam foi utilizado para colocar a África num lugar de "personificação do mal" advinda da "origem amaldiçoada de sua população", por conta dessa interpretação do mito bíblico. "O continente passou a ser marcado como demoníaco, amaldiçoado por Deus e formado por pessoas mergulhadas no pecado. O uso simbólico desse mito inunda a cabeça das pessoas sem que elas se deem conta. Essa imagem é utilizada até hoje"³, explica.

Fazendo um paralelo entre o nome do quadro e a passagem bíblica no qual ele se inspira, podemos entender que, do ponto de vista do genro, a “redenção de Cam” seria o orgulho pelo fim da maldição de ter descendentes negros e, do ponto de vista da avó, o agradecimento a Deus por ver que o apagamento dos traços negros do neto seria uma forma de garantir ao garoto ascensão ao mundo branco. Com isso, seu neto não seria amaldiçoado, como o neto de Noé.

Entre a cor da pele do neto e a cor da pele da avó, personagens da obra que ocupam, dentro de uma escala cromática, pontos extremos, existe uma

³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63209322>

grande variedades de outras cores que compõem o que podemos chamar, do ponto de vista semântico, de colorismo.⁴

3. Colorismo

O mestiçismo brasileiro foi visto por muitos (e por muito tempo) como algo a ser considerado uma riqueza de nosso país, posto que materializaria a mistura de todos os povos que fizeram parte de nossa história. Porém, quando nos aprofundamos nos estudos de nossa origem, vemos que essa miscigenação se deu às custas de muito sangue derramado. O colonizador (invasor) europeu, os negros escravizados e os povos indígenas nativos formaram uma equação marcada pela opressão e pela violência que nos traz, até hoje, graves consequências sociais, econômicas e políticas.

De acordo com Flávio Nascimento,

enquanto ferramenta de distinção elaborada segundo uma lógica racista que coloca a branca no topo da pirâmide racial, o Colorismo pode ter suas origens relacionadas às práticas de classificação e dominação do colonialismo e da escravidão no contexto das Américas (NASCIMENTO, 2022, p.115).

O termo colorismo, vinculado a uma noção de pigmentocracia racista, surgiu em 1983, quando a escritora Alice Walker, publicou seu livro: *Em busca dos Jardins de nossas mães*, mais especificamente no ensaio “Se o presente se parece com o passado, como será o futuro?”, de 1982. O termo classificava os vários tons da pele negra, indo do tom mais claro ao tom mais escuro. De acordo com Walker, são estas mesmas tonalidades da pele negra que chancelam a inclusão ou a exclusão na sociedade. O colorismo “é uma das faces do racismo na qual sujeitos com diferentes tons de pele são tratados de acordo com os sentidos sociais que revestem seus grupos étnicos”. (WALKER, 1982).

Seguindo esta linha de pensamento e de acordo com antropólogo Messias Basques:

o colorismo é um preconceito que pode acontecer entre pessoas de pele negra, mas, assim como o racismo, funciona de forma

⁴ De acordo com o dicionário Michaelis, colorismo pode ser entendido como qualidade, processo artístico ou escola de colorista. Isso diz respeito ao colorismo enquanto compreensão de gradação de cores e levando para a questão racial, de tons de pele. Para o dicionário Infopédia, colorismo tem uma ampliação e uma atualização de seu significado: preconceito ou discriminação contra indivíduo(s) de pele mais escura (nomeadamente, entre membros do mesmo grupo étnico).

estrutural na sociedade brasileira e está ligado ao processo de embranquecimento no país, criando relações e cenários desiguais, de acordo com o tom da pele.⁵

Se observarmos o colorismo de acordo com essa análise, veremos que a desigualdade de acesso e oportunidades entre os negros vem, pelo menos, desde o período pós-abolição quando, de acordo com Kabengele Munanga, ganha força uma

[...] ideologia racial elaborada a partir do fim do século XIX a meados do século XX pela elite brasileira. Essa ideologia, caracterizada entre outros pelo ideário do branqueamento, roubou dos movimentos negros o ditado "a união faz a força" ao dividir negros e mestiços e ao alienar o processo de identidade de ambos (MUNANGA, 1999, pág.15).

Sobre essa desigualdade de acesso a oportunidades, Tainan Maria Guimarães Silva e Silva pontua:

A liberdade maior, contudo era concedida àqueles mestiços, descendentes de brancos, os quais alcançavam, gradualmente, status mais privilegiado que os negros 'puros'. Tal diferença demonstra, assim, a preocupação do senhor branco com o seu filho 'de cor'. Estes mestiços brasileiros filhos de brancos que eram donos de terras e fazendas beneficiavam-se da relação de poder que os pais tinham perante à sociedade brasileira, galgando, naturalmente, postos maiores que os seus irmãos negros. Tal situação – que criou uma notória diferença no tratamento entre negros e mestiços – gerou, de certa forma, uma falta de solidariedade e unicidade entre os mestiços e seus irmãos negros (SILVA, 2017, pág. 8).

Esse lugar de benefício concedido aos mestiços através de seu fenótipo, que os coloca mais próximos dos brancos que dos negros de pele retinta, os fez, durante séculos, usufruir de benefícios, já que se aproximam da branquitude que, de acordo com Lia Schurman é considerada um lugar

em que sujeitos que ocupam esta posição foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade (SCHURMAN, 2015, pág. 56).

No entanto, é importante entender que o lugar de benefício é mutável e a discussão sobre privilégios dentro da raça negra é complexa. Embora pessoas de

⁵ Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/09/08/o-que-e-colorismo-e-como-ele-afeta-a-vida-de-negros-de-pele-retinta>

pele clara possam enfrentar menos discriminação ou estereótipos negativos em determinados contextos, isso não significa que elas estejam isentas de racismo ou que não enfrentem desafios relacionados à sua identidade racial.

Um fato recente e marcante no mundo artístico, que pode exemplificar conflito de visões dentro do colorismo por parte do negro de pele clara e seus desafios, se deu na seleção de Fabiana Cozza⁶ para viver, no teatro, a grande dama do samba, D. Ivone Lara⁷. Fabiana é uma mulher negra de pele clara e foi exatamente por essa característica racial (diferente da de D. Ivone Lara) que sua participação no musical: *Dona Ivone Lara - Um sorriso negro*, foi massivamente atacada nas redes sociais, tanto dela quanto do espetáculo. Entre as manifestações contrárias à sua participação no musical, estavam as que não a consideravam uma mulher negra e sim branca, o que mostra a complexidade de identificação racial ainda existente no Brasil.

O que foi colocado em xeque não foi o talento de Fabiana para interpretar a personagem e sim a sua escolha em detrimento de atrizes-cantoras de pele negra retinta, uma prática inerente ao colorismo. De acordo com críticos, a negritude retinta de Dona Ivone Lara, personagem principal da obra em questão, poderia ser automaticamente invisibilizada assim que Fabiana Cozza assumisse o papel. Essa escolha suscitaria preocupações sobre uma descaracterização da cantora homenageada, evidenciando ainda mais a complexidade das relações raciais mediadas pelo colorismo que tem suas raízes em estruturas sociais e históricas, como o legado do colonialismo, o sistema de castas, a disseminação de padrões estéticos eurocêntricos e a perpetuação de estereótipos raciais.

Esta prática de embranquecimento de personagens na indústria cultural tem nome: *whitewashing*⁸. Em 1963, Elizabeth Taylor foi selecionada para interpretar *Cleópatra* no filme de mesmo nome, tornando-se um exemplo clássico de embranquecimento em Hollywood. Nesse caso, uma atriz norte-americana de

⁶ Paulistana, cantora e jornalista e intérprete brasileira é considerada uma das maiores cantoras de sua geração.

⁷ Nascida no Rio de Janeiro, Yvonne Lara da Costa, compositora e cantora conhecida como Rainha do Samba e Grande Dama do Samba, foi a primeira mulher a assinar um samba-enredo e a fazer parte da ala de compositores de uma escola de samba carioca.

⁸ O termo "*whitewashing*" é um neologismo originado do inglês, derivado das palavras "white" (branco) e "wash" (lavar). Ele se refere à prática de embranquecer personagens de origens étnicas minoritárias, como negros, asiáticos, nativos americanos e outras etnias.

ascendência branca interpretou uma figura histórica egípcia. Em 2010, ativistas do movimento negro protestaram contra a escolha de Gérard Depardieu para interpretar Alexandre Dumas no filme *L'Autre Dumas*. Gérard é um ator branco, loiro e de olhos claros, enquanto o famoso autor de *Os três Mosqueteiros era negro*. No filme, o ator utilizou maquiagem e uma peruca para tentar se assemelhar à aparência de Alexandre o que caracteriza um caso clássico de *blackface*⁹, prática racista que consiste em uma pessoa com fenótipo branco se caracterizar como um personagem negro. No caso da peça: *Dona Ivone Lara – Um sorriso negro*, Fabiana Cozza optou por renunciar ao papel através de uma carta que também gerou uma série de novos questionamentos. Em um dos trechos ela escreve: “renuncio por ter dormido negra e, após o anúncio do meu nome como protagonista do musical, acordar ‘branca’ aos olhos de tantos irmãos”.¹⁰

4. O eu negro de pele clara, o tokenismo e o ilocucionário branco

A jornada de descoberta e aceitação da identidade racial para uma pessoa negra de pele clara é complexa devido à construção social e ao fenômeno do branqueamento. Essa construção social perpetua a ideia de que ser branco é superior e mais desejável, o que acaba gerando desafios adicionais para essa pessoa em sua busca por compreender e abraçar sua própria identidade racial. O negro de pele clara passa a vida sendo chamado de “moreno”, de “nem tão preto assim”, “praticamente branco”, etc. Inclusive, no Censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 1976, onde a pessoa podia escrever a sua cor de forma livre, apareceram como autodescrições de perfil étnico-racial categorias como “cor de burro quando foge”, “meio-branca”, “loira-clara” e “morena castanha”. Essa dissociação de autoidentificação de pessoas negras de pele clara como negras nos joga em uma falsa redoma de mundo antirracista que não nos faz enxergar as muitas micro e macro violências que nossa existência vivenciou.

O negro de pele clara passará, historicamente no Brasil, por importantes momentos de consciência de pertencimento de raça. Na visão de Gabriela

⁹ Saiba mais em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/vitrine/como-surgiu-pratica-racista-blackface.phtml>

¹⁰ Saiba mais em: <https://oglobo.globo.com/cultura/fabiana-cozza-renuncia-ao-papel-de-dona-ivone-lara-apos-ser-considerada-clara-demais-22742777>

Rodrigues, podemos elencar três marcos para falar sobre a elaboração negra da categoria de mestiços (pardos). O primeiro deles, em 07 de julho de 1978, se deu quando nasceu o Movimento Negro Unificado (MNU), criado para contribuir para o debate racial e que tinha como objetivo unir negros e negras de todo o país em torno da luta contra o racismo e pela promoção da cultura e da história negra no Brasil. Entre essas ações, eles acreditavam que toda pessoa negra deveria assumir sua cor e que os negros de pele clara deveriam se entender, finalmente, como pessoas negras. Entre seus objetivos estava ainda o de "...desenvolver campanha pelo "orgulho negro" (também) para essa população parda." (MNU, 1988; SILVA, 2001).

Ainda de acordo com Gabriela Rodrigues, os outros dois momentos seriam:

[...] estudos de Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle Silva, que demonstraram a aproximação de pretos e pardos nos indicadores sociais, propondo metodologicamente a unificação das categorias enquanto "não-brancos" (ou negros) no final da década de 70 (CAMPOS, 2013; SCHWARTZMAN, 2009); e o Estatuto da Igualdade Racial, que em 2010 formaliza que "pardos" fazem parte da população negra do Brasil.

A partir desses marcos, fomos construindo uma amplitude na compreensão por parte dos pardos brasileiros sobre o seu lugar dentro da raça negra neste país. É importante frisar que a consciência racial e a identificação com a negritude são processos individuais e podem ser influenciados por diversos fatores, como a educação, o ambiente em que a pessoa vive, as experiências pessoais e a própria construção social da raça. O que observo, então, é que houve um encorajamento para que pessoas negras de pele clara reconhecessem sua identidade racial e se unissem à luta pelos direitos e igualdade dos negros, no entanto, nos dias atuais, muitos de nós enfrentam um questionamento constante em relação à nossa negritude, especialmente nas redes sociais. Esse questionamento surge devido à ideia de que a identidade racial é construída com base na experiência compartilhada de opressão e marginalização sistêmica, que é predominantemente vivenciada por pessoas negras de pele mais escura. No entanto, é importante ressaltar que isso não significa que pessoas negras de pele clara não sofram também com essas questões. Duvidar dessa dinâmica presente em todas as pessoas que fazem parte da raça negra enfraquece o movimento como um todo e nos coloca, pessoas negras de pele clara, em uma posição

constante de questionamento em relação à nossa negritude, resultando em uma negação diária de sua experiência racial.

Em paralelo ao exercício de pertencimento à raça negra por parte de negros de pele clara, vemos acontecer um fenômeno social intrínseco ao racismo estrutural e que colabora para a perpetuação da desigualdade dentro da raça negra: o *tokenismo*¹¹. Martin Luther King Jr usou esse termo pela primeira vez em 1962, em um artigo publicado durante a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, onde citava como ideia central que usar a satisfação advinda da integração por meio de *tokens* era uma ilusão, visto que, àquela altura, o negro já sabia quem era. Para exemplificar este pensamento de Luther King, podemos lembrar da norte-americana Rosa Louise McCauley Parks que, em 1955, se recusou a ceder o assento em que estava para um homem branco, quando viajava em um ônibus, ou o episódio ocorrido em 1957, quando nove estudantes negros conseguiram, nas cortes federais, o direito de estudar no Ginásio Central de Little Rock, cidade do Arkansas, onde as escolas eram, até então, segregadas.¹²

O *tokenismo* ocorre sempre que uma pessoa ou grupo minoritário é incluído ou representado de forma superficial ou simbólica, fazendo com que determinada organização de esfera pública ou privada pareça favorecer uma representação autêntica e equitativa de múltiplas vozes e experiências, promovendo um ambiente ou produto inclusivo ou diversificado. Porém, o que se vê nesse cenário da prática do *tokenismo* é que, apesar das pessoas serem selecionadas ou apresentadas como representação legítima de uma determinada diversidade, suas perspectivas, falas, contribuições e demandas seguem sendo frequentemente marginalizadas e tratadas como uma exceção e não como parte valorizada e inclusiva do grupo. Podemos dizer então que o *tokenismo*, através da criação de uma falsa sensação de diversidade ou de igualdade, nos distrai a ponto de não abordarmos as questões estruturais inerentes à desigualdade e à exclusão, contribuindo assim para uma forma rasa de inclusão, mantendo a desigualdade estrutural intacta.

Observa-se com frequência a prática do *tokenismo* quando uma empresa,

¹¹ Do inglês, *token* (símbolo, marca, atributo, depósito). O termo refere-se ao *token* que, quando usado numa transferência bancária, por exemplo, funciona como um validador daquela transação.

¹² Mais informações em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_dos_direitos_civis

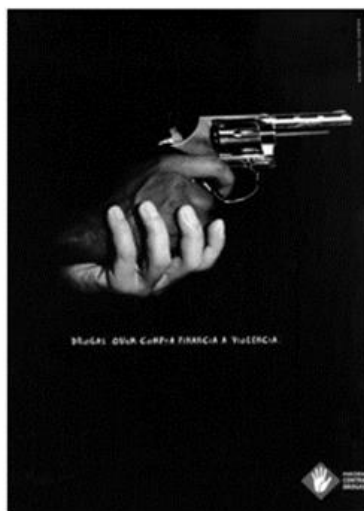
seja por força da lei ou da pressão social, utiliza a imagem de alguns poucos negros contratados para mostrar a diversidade de seu time de colaboradores e, na maioria das vezes, opta por fazer isso através dos negros de pele clara. O que parece ser ponto de partida de uma ação inclusiva é, na verdade, a exclusão dos negros de pele retinta.

De acordo com o Gabriel Nascimento,

a realidade da população mestiça, porém, é outra. Oprimida pela divisão racial do trabalho, ela sempre responde em direção ao mundo branco. Em que pese o dizer-se seja negro, a disputa do dizer-se com pessoas pretas, guardadoras desse passado que se quer esquecer, é um ato ilocucionário branco, produzido pela ausência de corpo-saber africano.¹³

Eu discordo do autor quando ele afirma que a população mestiça sempre responde em direção ao mundo branco. Essa generalização não leva em consideração a diversidade de experiências e trajetórias individuais dentro da população mestiça. Se, por exemplo, critérios como aparência física e estereótipos associados à branquitude não influenciasses oportunidades oferecidas aos negros de pele clara, mesmo quando o desempenho e a capacidade são evidentes, eu não teria perdido um papel numa peça de teatro no início dos anos 2000 para uma menina loira de olhos azuis, mesmo o diretor me falando que eu tinha sido melhor nos testes. Porém, concordo com o autor quando ele coloca que a ausência do “corpo-saber”, da valorização do conhecimento africano e da contribuição histórica e cultural das comunidades negras, favorece uma perpetuação das estruturas de poder e privilégios, abrindo espaço para atos de ilocucionário branco. Por ilocucionário, entende-se a intenção ou significado comunicativo implícito em que, através da fala, o interlocutor realiza um ato linguístico com a intenção de influenciar as ações e atitudes dos outros.

¹³ Disponível em: <https://guianegro.com.br/o-colorismo-nao-e-sobre-nos-mesticos/>



Reprodução: Isto é Gente.¹⁴

Podemos exemplificar o termo *ilocucionário branco* através dessa campanha publicitária antidrogas, veiculada há 20 anos, que, de acordo com a psicóloga Sylvia da Silveira Nunes, “dá continuidade à relação entre negritude e criminalidade: a mão que empunha a arma é negra; a que sustenta é branca.” (NUNES, 2006).

O ilocucionário branco encontra terreno seguro no que podemos chamar de racismo discursivo, que é algo amplamente enraizado na sociedade brasileira. Escondido atrás de padrões, estereótipos e piadas, esse ato de fala completo, intencional e feito através de enunciados típicos, colabora propositalmente com a discriminação social e segue sendo desde sempre autorizado por uma hierarquia racial no Brasil.

No dia 16 de maio de 2023, o comediante Leo Lins foi obrigado a apagar da plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*, um “especial” de comédia que havia sido publicado no final de 2022 e que, até o momento, contava com 3,3 milhões de acessos. Em um dos trechos, ele se refere aos negros falando: “Vocês não sabem o que querem, hein? Reclamam de não ter emprego, quando têm, não trabalham. Na época da escravidão já nascia empregado e também achava ruim”¹⁵

Outros comediantes aparecem em cena, após a decisão judicial proferida

¹⁴ Cartaz de uma campanha publicitária publicada na Isto é Gente, contra o uso de drogas. 14 de julho de 2003.

¹⁵ Veja mais em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2023/05/19/leo-lins-porchat-e-a-piada-que-faz-o-branco-rir-e-machuca-o-negro.htm>

pela juíza Gina Fonseca Correa, acusando a decisão de ser censura prévia. Fábio Porchat chega a dizer que “bastaria não incitar a violência e o ódio” sem que ele próprio perceba que o racismo recreativo já é, por si só, dentro do ilocucionário branco, uma feroz forma de violência.

COMENTÁRIOS FINAIS

Podemos então entender que as ações inerentes aos conflitos dentro da raça negra, gerados pelo colorismo e o *tokenismo*, fazem parte do domínio de um sistema social no qual o branco, que ocupa seu topo, sempre encontra uma forma de nos colocar, não-brancos, uns contra os outros, através não só de falas, mas de ações camufladas que perpetuam preconceitos enraizados e desigualdades históricas. Como disse a historiadora Lília Moriz Schwarcz: “Todo brasileiro se sente como em uma ilha de democracia racial, cercado de racistas por todos os lados” (SCHWARCZ, 1996).

Essa ilusão de que o Brasil não é um país racista pode dificultar a conscientização, perpetuar estereótipos prejudiciais e negar as experiências e vivências reais das pessoas racializadas. Bell hooks¹⁶ diz que

a essência da raça e do racismo é a supremacia branca. Podemos estar atentos ao impacto da supremacia branca enquanto trabalhamos consciente e atentamente para criar uma vida em que a completude do eu e da identidade sirvam como resistência poderosa e contra-hegemônica à subjugação pela identidade racializada (HOOKS, 2013, pág. 235).

A resistência ativa à opressão diária causada pela forma como somos percebidos revela-se fundamental, especialmente ao nos depararmos com os comentários que somos obrigados a responder nas postagens das redes sociais. Concordo com bell hooks e reconheço a importância de estarmos conscientes das maneiras pelas quais a supremacia branca opera e afeta as estruturas sociais, as relações interpessoais e a construção das identidades raciais. Demonstramos resistência no momento em que expressamos nossa completude e valorização identitária.

A partir do reconhecimento e do pertencimento à raça negra por parte do

¹⁶ Escritora Gloria Jean Watkins que adotou bell hooks e o uso das letras minúsculas como uma forma de desafiar as convenções linguísticas e questionar as normas hierárquicas que governam a escrita e o uso das letras maiúsculas.

negro de pele clara, torna-se de suma importância que, nessa recém conquistada colocação no mundo como negro, tenhamos consciência de que existe uma vantagem perante os negros de pele retinta que se desenha através de oportunidades e de acessos que a nossa falta de melanina nos traz individualmente e não no coletivo do qual fazemos parte. Não se pode, assim, ser negado que ao negro de pele clara é dada oportunidade de acesar espaços que o negro de pele retinta dificilmente acessa. Sem esse entendimento, estamos fadados a cair em armadilhas diárias, sejamos nós de pele clara ou de pele retinta, remetendo novamente ao que disse Messias Basques a respeito do termo colorismo. O colorismo criaria, de acordo com ele, uma pigmentocracia na qual

se opõem os polos do branco ao preto e quanto mais tende ao meio e ao polo branco, mais se atribui a essas pessoas vantagens sociais e oportunidades em contraposição àquelas pessoas que têm a sua pele preta e o seu fenótipo marcadamente com uma maior ascendência africana.¹⁷

Porém, não podemos esquecer que existe uma complexidade dentro da identidade racial e que não deve ser reduzida a uma dicotomia simples entre branco e preto. Existem várias nuances e variações dentro de cada grupo racial e é importante reconhecer a diversidade de experiências e identidades que existem. É válido ainda destacar que a atribuição de vantagens sociais e oportunidades vividas por diferentes indivíduos de diferentes tons de pele negra pode ser flutuante dependendo do contexto em que estão inseridos e de qual é o seu ponto de referência naquela situação. Outros fatores, como classe socioeconômica, acesso à educação, localização geográfica e privilégios estruturais, também desempenham um papel importante nas oportunidades dentro da raça negra. Negar que pessoas negras de pele clara enfrentem desafios e desvantagens seria simplificar a complexidade do racismo e da discriminação sistêmica. É importante, ainda, reconhecer que a experiência racial é multifacetada e que pessoas de pele preta com diferentes origens étnicas e raciais podem ter vivências e oportunidades diversas. É preciso entender que essa diversidade existe e ainda

reconhece-se que a ambiguidade nas possibilidades de

¹⁷ Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/09/08/o-que-e-colorismo-e-como-ele-afeta-a-vida-de-negros-de-pele-retinta>

identificação raciais no Brasil pode ser instrumentalizada como ferramenta para fragilizar a potência da luta coletiva e coesa das pessoas negras enquanto grupo social (NASCIMENTO, 2022, pág. 122).

Dentro de um contexto ideal, é crucial mantermos viva a visão utópica de uma sociedade na qual as relações de poder baseadas em raça sejam eliminadas, criando condições propícias para avançarmos em direção ao objetivo distante e sonhado de desenvolver a capacidade humana de compreender, aceitar e se colocar no lugar do outro. No entanto, é importante reconhecer que, mesmo nessa busca, ainda há muito a ser compreendido sobre identificação racial, relações de poder e o impacto do racismo estrutural.

Devemos reconhecer que estamos todos interligados e fazemos parte de algo maior, cuja existência depende da cooperação de cada um. No entanto, é fundamental também reconhecer que existem complexidades e desafios relacionados à identificação racial, ao poder e às formas de discriminação sistêmica. A jornada em direção a uma sociedade verdadeiramente igualitária requer um contínuo esforço de educação, diálogo e transformação, visando a desconstrução dos preconceitos arraigados e a construção de relações mais justas e inclusivas. UBUNTU!¹⁸

REFERÊNCIAS

BÍBLIA, A.T. Gênesis. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Delta, 1980.

HOOKS, bell. **Escrever além da raça: teoria e prática**/bell hooks; tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Elefante, 2022.

INFOPÉDIA, Dicionário Porto Editora. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa-ao/colorismo>.

LUTHER KING JR, Martin. **The negro citizenry of the United States of America**. Atlanta, GA. Southern Christian Leadership Conference, 1962.

MACHADO, Leandro. **A origem do mito bíblico que foi utilizado para 'justificar' racismo**. BBC News Brasil. São Paulo. 18 outubro 2022. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63209322>.

¹⁸ Palavra de origem no idioma *kibundu*. Embora não haja tradução literal, o significado remete a "existências conectadas entre si". Disponível em: <https://site.ubuntufin.com.br/o-que-e-a-filosofia-ubuntu/>

MICHAELIS, Dicionário. <https://michaelis.uol.com.br/palavra/594Z/colorismo/>

MNU (Movimento Negro Unificado). **1978-1988: 10 anos de luta contra o racismo**. São Paulo: Confraria do Livro, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, Flávio Santos. **Colorismo e prisão: reflexões sobre a utopia de uma sociedade sem racismo**. São Cristóvão, SE: Revista de Estudos de Cultura. v. 8, n. 20, 2022. DOI: <https://doi.org/10.32748/revec.v8i20.17878>

NASCIMENTO, Gabriel. **O colorismo não é sobre nós, mestiços**. 08 de setembro de 2021. <https://guianegro.com.br/o-colorismo-nao-e-sobre-nos-mesticos/>

NUNES, Sylvia da Silveira (2006). **Racismo no Brasil: Tentativas de Disfarce de uma Violência Explícita**. Psicologia USP, 17 (1), 89-98. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-65642006000100007>

RAMOS, Leidiana Pereira (2021). **Justificativas da Igreja Católica Para o Escravagismo: no Brasil colônia**. Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação, 7(9), 604–623. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v7i9.2257>

RODRIGUES, G. M. B. **Mulatos, pardos, 'afrobeges': negros de pele clara ou 'afroconvenientes'?** 2020. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. São Paulo: Annablume, 2015, p. 56.

SCHWARCZ, L. M. (1996). **As teorias raciais, uma construção histórica de finais do século XIX: o contexto brasileiro**. In L. M. Schwarcz & R. S. Queiroz (Orgs.), Raça e diversidade (pp. 147-185). São Paulo: Edusp.

SILVA, Tainan Silva e. **O colorismo e suas bases históricas discriminatórias**. Disponível em <https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/4760/3121>

WALKER, Alice. **If the present looks like the past, what does the future look like?** 1982. **In search of our mothers' gardens: womanist prose**. San Diego, California: Harcourt Brace Jovanovich, 1983.